

«Uma sátira incisiva e uma denúncia muito hábil
dos medos irracionais daqueles que querem banir livros.»

Publishers Weekly



A BIBLIOTECA de LIVROS BANIDOS de LULA DEAN

TOP
SEL
LER

KIRSTEN MILLER

Para a boa gente do Sul

CAPÍTULO 1

O PÃO DOS DEUSES¹

Ronnie Childers estava a tripar na Jackson Square quando um anjo do Senhor lhe apareceu à frente. Era uma visão gloriosa, com *leggings* pretas e uma *t-shirt* das Bikini Kill, e os cabelos dourados presos num puxo desarranjado no cimo da cabeça. Parecia-se muito com uma miúda com quem ele costumava fumar umas no secundário.

O anjo pairava sobre o banco do parque onde ele estava e a luz do poste criava-lhe o efeito de uma auréola em cima da cabeça.

— O que é que estás a fazer, Ronnie? — perguntou ela.

— Estou assim tão pedrado ou és mesmo tu?

O anjo riu.

— As duas coisas — respondeu.

Dos olhos de Ronnie brotaram lágrimas de pura alegria.

— Aleluia — disse ele. Deus agia mesmo de formas misteriosas.

— Estiveste no campo outra vez, não foi?

Ronnie riu-se.

— Apanhaste-me. — Abriu a mão e mostrou-lhe um pequeno cogumelo castanho, como uma oferta.

¹ Referência a *Food of the Gods*, de Terence McKenna. [N. T.]

O anjo tirou-lhe o cogumelo da mão e guardou-o dentro do sutiã, por motivos de segurança.

— Tens noção de que são duas da manhã, certo?

— Então, a noite ainda é uma criança. — Ronnie bateu levemente no banco. Como o anjo não se sentou, ele estendeu o braço, como quem mostra a praça. — Não estou a tentar nada. Só quero que pares um bocado para apreciares esta beleza do caraças.

Às vezes, Ronnie perguntava-se como é que nunca reparara naquilo. Passara metade da vida naquela praça de Troy, sob os galhos das magnólias e dos carvalhos gigantes. Enquanto a mãe limpava o chão no DMV², ele entretinha-se a tingir a água da fonte de vermelho-sangue com *Rit Dye* ou a vandalizar a estátua do general confederado com pilas lindamente desenhadas. Tempos longínquos, esses, mas a praça continuava a ser o sítio preferido de Ronnie. Descobrira-lhe a beleza em noites como aquela, quando o mundo estava calmo e pacífico e ninguém debatia proibições de livros e *plugs* anais e todas as outras merdas que hoje em dia irritavam as pessoas de Troy.

— Sabes, isto até podia ser um sítio agradável — suspirou Ronnie.

O anjo, olhando para a escuridão, parecia estar a ver a mesma coisa.

— Sim... — concordou. — Ei, se estiveres livre, podias dar-me uma mãozinha. Achas que consegues andar?

Ronnie olhou para as calças de ganga rasgadas e para as botas de trabalho. Começou a erguer-se com a perna direita.

— Parece que sim. Onde vamos? — Pela primeira vez, reparou na mala gigante com rodinhas que ela trazia.

— Armar confusão — disse o anjo.

— Vamos a isso. — Ronnie levantou-se e esticou os seus membros compridos. — Essa é a regra número um do manual do Ronnie Childers: nunca virar as costas a uma confusão.

² Department of Motor Vehicles. [N. T.]

Não podia ser melhor, pensou Ronnie. Completamente pedrado e a vaguear pela noite com um anjo numa missão. Tinha de estar na Piggly Wiggly dentro de umas horas, mas isso era só para pagar as contas. Eram aquelas experiências que lhe alimentavam a alma. Ronnie tinha a certeza de que o mundo seria um lugar melhor se mais gente sáísse das caixas em que vinha empacotada e abrisse a mente aos mistérios do universo.

Foi só quando o anjo parou em frente a uma casa que fazia lembrar a Ronnie um pedante bolo de casamento branco que ele começou a descer lentamente do paraíso.

— Sabes que a Lula Dean mora aqui, certo? — Assumiui que o anjo devia saber. A maior parte das pessoas fazia os possíveis para evitar Lula.

O anjo virou-se e pôs um dedo sobre os lábios. Empurrou a mala até um pequeno armário roxo, fixado no topo de um poste no jardim de Lula. Com o formato de uma casa e flores pintadas à mão, continha três prateleiras cheias de livros. Na parte da frente, estava escrito: *A Pequena Biblioteca da Lula*.

O anjo abriu a porta de vidro.

— Tira tudo — sussurrou. — Empilha os livros todos.

Ronnie puxou um volume grosso da prateleira de cima.

— *O Guia de Etiqueta para as Senhoritas do Sul*. Onde raio é que ela arranja estas cenas?

O anjo estava demasiado ocupado a abrir a mala para responder. Lá dentro, estavam pelo menos duas dúzias de livros.

Ronnie assobiou baixinho.

— Isso é o que eu acho que é? — perguntou.

O anjo semicerrou os olhos.

— Achei que estavas pedrado.

— Não ao ponto de não conseguir distinguir contrabando — disse-lhe Ronnie, voltando à tarefa que ela lhe dera. — Relaxe, Sua Santidade. Não vou interferir na obra do Senhor.

Quando já tinham duas pilhas de livros uma ao lado da outra, Ronnie deu um passo atrás.

— E agora? — perguntou.

— Troca as sobrecapas — ordenou o anjo. — Põe as dos livros da Lula nos livros que eu trouxe. Depois põe esses livros na biblioteca dela. Os livros da Lula vão para a mala.

Ronnie hesitou.

— Só para que saibas, não estou totalmente convencido da legalidade desta operação — avisou. Já tivera alguns problemas com a lei ao longo das suas duas décadas de vida. Se não fosse um criminoso condenado, talvez pudesse ter sido um bom advogado.

— Isso é um problema? — perguntou o anjo.

— Não, senhora. — Ronnie abanou a cabeça.

Quando acabaram de trocar os livros, a pequena biblioteca parecia exatamente como estava antes.

— Bom trabalho — disse o anjo a Ronnie. — Anda. Vamos levar essa peida mocada para casa.

HÁ QUANTO TEMPO não passavam um bocado juntos, assim? Há pelo menos dois anos, concluiu Ronnie. Fazia sentido, como sempre.

— Então é assim que o pessoal agora se diverte em Troy? A meter cogumelos e a ficar sentado na praça? — perguntou-lhe o anjo enquanto voltavam pelo parque.

— Ná. A maior parte do pessoal prefere oxicodona ou metanfetaminas.

O anjo não se riu.

— Sabes que és melhor do que isto.

— Pois, bem, não bom ao ponto de conseguir dinheiro para a universidade — disse Ronnie. — Além disso, agora tenho cadastro, por isso sei bem que estou fodido. Sei que parece de loucos, mas, se não fossem os cogumelos, acho que tinha caído num buraco bem fundo e que nunca de lá tinha saído.

— Não parece nada de loucos. Há quem use cogumelos para combater a depressão. E podem controlar a psilocibina

aqui na Georgia, mas é considerado um medicamento noutras partes do país.

— Talvez devesse mudar-me para um desses sítios — disse Ronnie. — Porque encontrar cogumelos e consumi-los são as duas únicas coisas em que sou bom.

— Isso é treta, sabes disso tão bem quanto eu. Mas talvez possas usar melhor as tuas capacidades. Ajudar pessoas e ganhar uns trocos com isso. Parece-me uma boa combinação.

Pararam em frente ao alpendre da casa de Ronnie. Ele ainda se lembrava da primeira vez que se tinham sentado juntos no baloiço, nos tempos em que nenhum deles sabia que Lindsay era rica e que Ronnie era pobre, e nenhum deles podia imaginar um dia em que os seus caminhos já não se cruzassem.

— Gosto de ti — disse Ronnie ao anjo. — Sempre gostei.

— Eu também gosto de ti — respondeu ela —, mas, como sabemos, sou *gay*.

— Olha a minha sorte — retorquiu Ronnie, encolhendo os ombros. — Quanto tempo vais ficar por cá?

— Vou-me embora amanhã — disse ela.

Ronnie riu-se.

— Armaste esta confusão toda esta noite e nem sequer vais cá estar para ver o resultado? Aquela escola de betos não te mudou. Continuas uma rebelde, Lindsay Underwood.

— Vim ajudar a minha mãe, mas ela não quer que eu fique. — Lindsay fez um sorriso malandro. — Mas não te preocupes. Tenho a sensação de que voltarei em breve.

CAPÍTULO 2

O DEUS DAS MOSCAS³

Beverly Underwood só queria que a vida voltasse ao normal. Não parecia uma posição controversa, mas hoje em dia era impossível prever como é que as pessoas iam reagir.

— Fico sensibilizada por teres vindo da universidade até aqui, querida, mas consigo tratar disto. Não acho que valha a pena perderes mais aulas.

Beverly não gostava de ver o rosto fechado da filha. A beleza de Lindsay era uma bênção de Deus, e parecia um pecado escondê-la.

— Não precisas mesmo de ajuda? — disse Lindsay. — Ou só estás com medo de que a tua filha *gay* atrapalhe?

Beverly desencostou-se do sofá e pegou na mão de Lindsay.

— Oh, por amor de Deus, claro que não! Como é que podes dizer isso? — A filha podia ter 21 anos, mas continuava a ser a menina da mamã, e Beverly não podia ter mais orgulho nela. — Eu e o teu pai sempre te apoiámos desde aquele incidente com as Barbies na primeira classe. Seres *gay* nunca nos fez diferença nenhuma.

— Então porque é que me estão a mandar embora?

Beverly suspirou.

³ Referência a *Lord of the Flies*, de William Golding. [N. T.]

— Achas que é isso que estamos a fazer? — Virou-se para o marido em busca de apoio. — Trip, ouviste isto?

— Desculpa? — Trip Underwood tirou os olhos das palavras cruzadas. — Que é que disseste?

Beverly aligeirou a expressão frustrada antes de voltar a olhar para a filha.

— Lindsay, *não é isso* que estamos a dizer. Serás sempre bem-vinda nesta casa. Tudo o que peço agora é que acabes o semestre enquanto eu ponho esta situação desagradável para trás das costas.

Lindsay escrutinou a mãe e abanou a cabeça.

— Não acredito — disse finalmente. — Morres de medo da Lula Dean.

Noutros tempos, Beverly teria rido da sugestão. Mas o caso tinha mudado de figura. A verdade era que Lula Dean era assustadora como o raio.

LULA NUNCA CONSEGUIRA TER atenção suficiente. Beverly tinha-lhe diagnosticado esse distúrbio no secundário. Já então Lula desesperava por ser vista — e tinha sido abençoada com todos os dons que atraem o olhar dos outros. O problema era que a maior parte das pessoas nunca lhe dedicava um segundo olhar. Até ao último ano, Beverly não conseguira identificar o que é que assustava toda a gente. Depois percebera quão longe Lula estava disposta a ir pela atenção que desejava — e quão fortemente acreditava que a merecia.

Após acabar o secundário, Beverly planeara sair da cidade e ceder Troy a Lula. Claro que as coisas não correram assim. Passaram os últimos vinte e cinco anos a viver a pouco mais de meio quilómetro uma da outra. Ambas frequentavam a Primeira Igreja Batista. Eram parte do grupo de atividades extracurriculares e faziam quilos de bolachas para a associação de pais. Alguém de fora poderia julgar que duas mulheres

com tanto em comum viviam vidas semelhantes. Mas Beverly, agora presidente da assembleia local responsável pelo sistema educativo público, sempre fora vista como um pilar da comunidade de Troy. Até recentemente, Lula Dean era vista como a esquisitoide da cidade.

Como sempre, Lula era responsável por isso. Depois de o marido ter morrido e de os filhos terem saído da cidade, muita gente teve pena dela. Podia ter aproveitado a oportunidade para melhorar algumas coisas. Em vez disso, parecia determinada a usar o seu tempo e a sua energia para punir o mundo por antes a ter ignorado. Muitos dos seus esforços nunca serviram de nada. Ninguém queria saber se a Walmart vendia *plugs* anais ou se a loja de recordações na rua principal vendia cartões para pais *gay*. Depois, Lula encontrou pornografia na secção de culinária da biblioteca local. Em menos de um mês, era famosa em todo o estado.

Não importava que um delinquente de 13 anos tivesse confessado ter colocado um livro erótico nas prateleiras da biblioteca por piada. Lula tinha encontrado a sua vocação. Depois de se ter reinventado como cruzada em nome da virtude, pôs mãos à obra. As crianças de Troy corriam um perigo terrível, anunciou Lula no Facebook. Em poucas semanas, recrutou um grupo de residentes que pensavam como ela. Juntos, o Comité de Pais Preocupados de Lula elaborou uma lista de livros que lhes pareciam não ter lugar naquela terra temente a Deus. Beverly encontrou uma lista semelhante *online*, mas Lula disse que não era plágio — apenas prova de que tinham escolhido os livros certos.

Beverly podia ter-se recriminado por não ter levado Lula mais a sério, mas ao longo dos seus 44 anos vira inúmeras crises aparecerem e desaparecerem. Pouco antes, todas as lojas da cidade tinham os detergentes da roupa trancados. Agora ninguém se preocupava com as crianças a mordiscar cápsulas de *Tide*, e Beverly esperava que a cruzada de Lula tivesse o mesmo destino. Depois, a 1 de maio, recebeu um telefonema apavorado

da bibliotecária da escola secundária. O diretor permitira que seis membros do Comitê de Pais Preocupados, o CPP, entrassem na biblioteca, e estes haviam-se posto a arrancar livros das prateleiras. Quando Beverly conseguiu lá chegar, já o Comitê de Pais Preocupados tinha seguido para a escola do terceiro ciclo. A escola primária e a biblioteca pública foram saqueadas antes do final do dia.

Como presidente da assembleia local, Beverly convocou uma sessão de emergência, mas os seus membros não estavam com grande vontade de agir. O CPP faria uma conferência de imprensa na tarde seguinte, e queriam ouvir o que Lula Dean tinha a dizer. Atónita com a sua derrota, Beverly foi ao Facebook, onde Lula publicara uma fotografia dos livros que tinham confiscado das quatro bibliotecas da cidade. Que devemos fazer com esta imundície?, perguntava Lula aos seus seguidores. Beverly fez *scroll* para ver as respostas. A mais comum parecia ser: Queimá-la!!!

Beverly recostou-se observando todos aqueles pontos de exclamação. Conseguia sentir a excitação. Havia gente em Troy que achava que queimar livros seria divertido.

QUANDO LINDSAY SOUBE dos últimos desenvolvimentos, meteu-se no carro e conduziu durante cinco horas até Troy — mesmo com os exames finais do segundo ano na Duke University à porta.

— Não podes deixá-los queimar aqueles livros, mãe — disse Lindsay assim que entrou em casa.

— Querida, não estou a *deixá-los* fazer nada — respondeu Beverly, não querendo admitir que tinha a situação fora do controlo. Acabara de ouvir que o diretor da escola secundária tinha emprestado o auditório da escola ao Comitê de Pais Preocupados para que lá fizessem a conferência de imprensa. Beverly sentia que a maré se estava a virar contra ela.

Na tarde seguinte, Beverly e Lindsay encontravam-se lado a lado na primeira fila do auditório da escola secundária. Beverly contou trinta caixas de livros empilhadas no palco. A assistência ficou em silêncio quando Lula se aproximou do microfone. Doze membros do Comité de Pais Preocupados posicionaram-se alinhados atrás dela. Alguns — como o pai do orador de turma da escola — eram pessoas que Beverly nunca esperaria ver ali. Um deles era a mulher do presidente da Câmara.

Beverly estava tão abalada que mal ouviu o discurso de Lula. Mas, quando chegou a altura das perguntas, foi a primeira a levantar-se.

— Como é que decidiste que livros deviam ser retirados? — perguntou Beverly. — Leste-os?

— Pareço o tipo de gente que lê esta indecência? — perguntou Lula, mostrando um exemplar de *O Diário de Anne Frank*.

Lindsay soltou uma gargalhada de surpresa e Beverly viu o olhar de Lula a pousar na sua filha.

— Parece que há aqui alguém que acha isto engraçado. — Lula não estava a achar graça nenhuma. — Só Deus sabe que tipo de danos estes livros provocaram aos jovens desta cidade. Por não prestarmos atenção, podemos ter perdido uma geração inteira. E quem tem andado a prejudicar os nossos filhos? Esperem que eu mostro-vos. Ele não tem estado propriamente escondido. Tem estado nas prateleiras das nossas bibliotecas.

Lula abandonou o microfone, seguiu até à caixa mais próxima e pegou num livro do topo da pilha. A capa vermelha, preta e amarela mostrava um rapaz aterrorizado com o corpo em chamas.

— Reconhecem isto? — perguntou Lula. — Todos sabem quem é o Deus das Moscas, certo? Acham que é uma coincidência que este livro tenha o nome do diabo? Ele tem estado aqui em Troy, e abriu a porta a uma série de demónios. Anarquistas e pedófilos e o sistema de saúde socialista. Ele é a razão pela qual os vossos filhos reclamam por terem de ir à missa. É por

causa dele que vocês têm de trancar a porta de casa quando saem. Sem o Deus das Moscas, as crianças não seriam raptadas nem manipuladas, nem fariam mastectomias duplas.

Lula fez uma pausa para respirar e Beverly viu surgir a sombra de uma incerteza. Por um momento, até Lula parecia perguntar-se se teria ido longe demais. Beverly espreitou a audiência por cima do ombro. Pelas caras, parecia que tinham medo, mas era impossível perceber o que os tinha assustado exatamente.

Lula voltou para o microfone e segurou o livro contra o seu peito amplo.

— É assim que o Deus das Moscas entra nas vossas casas — disse numa voz que soava grave, até razoável. — Através de livros que encorajam as crianças a consumir drogas, a ter sexo e a seguir um estilo de vida homossexual. O CPP chamou-vos a atenção para estes livros. Agora as pessoas desta cidade têm de decidir o que querem fazer com eles, antes que seja demasiado tarde.

— Fogueira! — gritou um homem do comité.

— Não. — Beverly recuperou finalmente a voz. — A assembleia local vai analisar o assunto.

— E quantas crianças vamos perder enquanto a assembleia decide? — exigiu saber Lula.

— Mãe! — Beverly ouviu Lindsay sussurrar atrás dela. — Tens de os fazer devolver os livros!

Beverly ignorou a filha.

— Até tomarmos uma decisão, os livros serão guardados num local seguro.

Depois de os cidadãos de Troy saírem do auditório, Beverly e Lindsay levaram as caixas em silêncio e guardaram-nas na cave dos Underwoods.

NESSA NOITE, Beverly foi para a cama ciente de que Lindsay a julgava uma cobarde. E era-o. Devia ter lutado mais para voltar a pôr os livros nas prateleiras. Devia ter enfrentado Lula Dean.

A verdade era que Beverly não tinha medo por si. Não se importava de estar no radar de Lula, mas sabia onde é que Lula queria chegar com o «estilo de vida homossexual», e não ia permitir que aquela mulher atacasse a sua filha. Lindsay tinha o direito de viver a sua vida sem que monstros tacanhos como Lula disparassem contra ela.

De manhã, o jornal anunciava que Lula Dean considerava candidatar-se à assembleia local, para substituir Beverly. «Sentimo-nos mesmo confortáveis em reeleger uma mulher que guarda pornografia e propaganda comunista em casa?», perguntava Lula ao repórter. A fotografia que acompanhava o artigo mostrava Lula no seu jardim. Um armário em forma de casinha estava fixado a um poste junto à cerca branca. Lula tinha-o pintado da cor da lavanda, decorado com flores cor-de-rosa e brancas e preenchido as suas três prateleiras com os livros mais dignos.

«Há quem diga que eu não leio, e isso não é verdade!», declarava Lula. «Quero partilhar os livros que me ajudaram a ser quem sou. Por isso, disponibilizo a minha pequena biblioteca para todos!»

NESSE DIA, toda a gente em Troy passou pela biblioteca de Lula Dean. Quando Lindsay lá foi, ao fim da tarde, não havia espaço livre nas prateleiras. Ninguém tinha levado um único livro. Ela não conseguia entender como é que os moradores tinham ignorado clássicos como *O Guia de Etiqueta para as Senhoritas do Sul*, *Buffy Halliday Vai à Europa!* e *101 Bolos para a Família*. Algumas pessoas diziam que Lula tinha enchido as prateleiras com livros comprados a vinte e cinco cêntimos numa loja de artigos em segunda mão. Mas Lindsay não era assim tão cínica. Não lhe custava acreditar que livros como aqueles tivessem transformado Lula Dean na mulher que era.

Ao voltar para casa nesse dia, sentia-se mais grata do que nunca por ter nascido na família Underwood. Ainda que isso

surpreendesse Beverly, ela nunca achara que a mãe fosse covarde. Beverly casara aos 22 anos e tinha sido mãe oito meses depois. Não tinha tido a oportunidade de perceber o que queria, por isso fazia o melhor que conseguia. Algumas pessoas podiam ressentir-se por ficarem presas numa cidade tão pequena, mas Beverly tinha trabalhado muito para tornar Troy uma cidade melhor. Talvez nem sempre usasse as melhores palavras — e não era raro atrapalhar-se com o que dizia —, mas tinha o maior coração que Lindsay alguma vez conhecera, e mais coragem do que toda a gente de Troy junta.

Quando a mãe disse que conseguia lidar com Lula Dean, Lindsay sabia que era verdade. Tinha-a visto enfrentar situações difíceis uma centena de vezes, começando com o agora famoso incidente das Barbies que ocorrera na primeira classe.

— Na hora do almoço, a Lindsay estava a fazer com que as Barbies se beijassem. — A senhora O'Connor tinha convocado Beverly para uma reunião, certa de que a escandalizaria. Muitas vezes, as pessoas olhavam para a mãe de Lindsay e viam alguém que ela não era.

— E o que fez a senhora? — perguntou Beverly, sentada do outro lado da secretária, tão elegante e composta como sempre.

— Tirei-lhe as Barbies e pu-la de castigo.

— Ou seja, envergonhou uma criança de 6 anos e pô-la de castigo por fazer com que duas bonecas se beijassem?

Foi nesse momento que a senhora O'Connor percebeu que as coisas não iam correr como planeara.

— Não foi um beijo no rosto.

O nojo na cara bonita de Beverly deixou claro quem é que ela achava que era a pervertida naquela sala.

— E então?

— Bem, não é natural.

Lindsay ainda se lembrava de como a mãe sorrira enquanto se preparava para o *coup de grâce*.

— A minha família é exatamente como Deus a fez. E qualquer adulto que sugira que há algo errado com ela pode ir direitinho para o inferno — dissera Beverly à senhora O'Connor. — Se voltar a envergonhar a Lindsay, juro por Deus que serei eu a enviá-la para lá. — Nas eleições seguintes, Beverly concorrera à assembleia local responsável pelo sistema educativo público.

Lindsay queria lançar aquela mulher destemida contra Lula Dean. Era disso que a cidade de Troy precisava desesperadamente; mas, quando se sentou para o dizer, a mãe pediu-lhe que se fosse embora. Ainda que Beverly Underwood jamais o fosse admitir, Lindsay sabia que a mãe estava a pisar em terreno delicado para proteger a sua filha *gay*. Foi então que a filha decidiu tomar as rédeas.

Antes de voltar para a universidade, Lindsay passou na casa de Ronnie Childers. Encontrara um exemplar de *O Pão dos Deuses* entre os livros proibidos e enfiou-o na sua caixa de correio. Depois, não resistiu a passar uma última vez pela casa de Lula Dean para ver a biblioteca. Lindsay estava a admirar o trabalho manual do armário quando viu Bella Cummings a passar, na sua corrida. Lindsay conhecia Bella há muitos anos — primeiro, como sua *babysitter*; depois, como amiga.

— Olá! — Lindsay acenou a Bella e entregou-lhe um livro. — Encontrei uma coisa para ti.

Bella olhou para o livro. *O Guia de Etiqueta para as Senhoritas do Sul*.

— Estás a gozar comigo? — perguntou.

— Não. — Lindsay bateu na capa. — Quero que o leias. Este foi o livro que fez de mim quem sou.

CAPÍTULO 3

101 BOLOS PARA A FAMÍLIA

Foi por volta do seu octogésimo aniversário que Wilma Jean Cummings reparou numa mudança. Ela continuava na mesma, claro, mas toda a gente na família perdera o juízo. Aproximavam-se tanto quando falavam com ela que conseguia ler-lhes o hálito como um menu da Chick-fil-A. Depois, as vozes ficavam suaves e doces como *marshmallows*, e eles evitavam quaisquer palavras com mais de duas sílabas. De início, ainda se perguntou se andariam a meter-se em porcarias, mas os filhos pareciam normais quando falavam uns com os outros. Ou, pelo menos, tão normais quanto o costume, o que, para dizer a verdade, não era grande coisa. Foi então que Wilma Jean percebeu que tudo aquilo era por causa dela.

— Porque é que estão a falar comigo como se eu fosse uma idiota? — perguntou ao filho mais velho.

— Oh, mãe — cantarolou ele, inclinando-se para lhe beijar a bochecha. — Ninguém te acha idiota. — Bastou inspirar para saber que ele tinha tomado o pequeno-almoço no Taco Bell, três meses e dois dias após uma cirurgia ao coração. E ainda assim achavam que quem tinha perdido a cabeça era *ela*.

— Oh, olha para ti! — exclamou Cissy, a filha, certa noite, a bater palmas como uma foca treinada, quando Wilma Jean completou uma frase no *Wheel of Fortune* com apenas dois T

e um F no quadro. A expressão de Cissy era igual à que fizera quando o filho usou o penico pela primeira vez.

— Sabes que já fui procuradora distrital, certo? — lembrou-a Wilma Jean.

— Claro que foste, mãe — disse Cissy.

Wilma Jean teve de se levantar e ir até ao escritório para ter a certeza de que não tinha sonhado. Mas ali estavam, na parede, os seus diplomas elegantes e a sua fotografia preferida com o governador de quem menos gostava. Tinha sido tirada no exato momento em que ele lhe apalpara o rabo — e um milésimo de segundo antes de o salto alto dela lhe partir o dedo do pé. A memória, ainda fresca, fazia-a sempre sorrir.

Ao longo dos seus 84 anos, Wilma Jean criara seis filhos, enterrara três maridos, fizera fortuna como advogada, enviara centenas de javalis selvagens para o outro mundo e levava um infame assassino em série à justiça. Poder-se-ia dizer que sabia algumas coisas. E, se alguém se lembrasse de perguntar, podia espalhar mexericos de altíssima qualidade sobre qualquer pessoa da cidade. Mas, em vez de reconhecerem a matriarca como um ícone de sabedoria, a família agia como se o cérebro dela se tivesse transformado em papa.

— Mãe, que tal darmos uma vista de olhos àquele lar de idosos chique que abriu na Orchard? — sugeriu o seu filho Dean, com o maior desprazo.

— Que tal ires dar uma curva ao bilhar grande? — respondeu ela.

Dean olhou para o irmão e soltou uma gargalhada.

— Ui, a mãe está brava hoje. Será que está com prisão de ventre?

Depois disso, Wilma Jean parou de responder a perguntas estúpidas. Julgou que isso bastaria para lhes ensinar uma lição. Porém, todos eles assumiram que ela perdera a audição, juntamente com a sanidade. Assim que julgaram que ela ficara mesmo surda, as revelações não pararam de chegar. Os filhos

não hesitavam em discutir a herança na mesma sala em que ela estava, enquanto comiam gelado de noz-pecã e se punham a par do que se andava a passar no *Mindhunter*. Certa noite, os seis apareceram juntos e deram uma volta não autorizada pela casa, dividindo os pertences dela entre eles. Houve uma luta feroz pelo guarda-roupa antigo onde estavam pendurados os vestidos de ir à missa de Wilma Jean. Mais tarde, ouviu-os debater que agente imobiliário conseguiria o melhor preço pela casa. A casa *dela*, que raio! A casa que comprara num leilão depois de ter levado à falência o palerma rico que chamara o pai dela de lixo. A casa onde fizera os velórios dos três maridos. A casa que a protegera da chuva durante quarenta anos e testemunhara todas as suas desilusões e vitórias.

Wilma Jean sabia que devia ter dito alguma coisa, mas não o fez. Algures no caminho, perdera a vontade de lutar.

Após aquela voltinha à casa, os filhos começaram a aparecer todas as noites para vigiar, preocupados com a possibilidade de os irmãos surripiarem a porcaria do serviço de porcelana, horroroso, que a sua segunda sogra lhe tinha impingido, ou enfiarem um colar de pérolas nas calças. Com todos eles a lotar a sala de estar, Wilma Jean lembrou-se de um vídeo que um dos bisnetos lhe tinha mostrado. Filmado na escuridão turva do fundo do oceano, mostrava centenas de criaturas brancas a banquetear-se com a carcaça de uma baleia enorme. O terror existencial do vídeo tinha assombrado Wilma Jean durante anos. Não podia ter imaginado um destino menos digno. Agora, maravilhava-se com quão limitada a sua imaginação era nessa altura.

Disse aos filhos que estavam a ser paranoicos com a possibilidade de as coisas desaparecerem. A família tinha uma quantidade razoável de imbecis, mas ela não tinha criado nenhum ladrão. Na manhã seguinte, reparou numa mancha escura na parede, onde tinha estado pendurado um quadro durante cerca de quarenta anos. Faltava ali um retrato de Wilma Jean que

o seu segundo marido tinha encomendado a um jovem artista do Alabama, que se tornara muito famoso e rico. Na noite da voltinha pela casa, dois dos filhos tinham disputado aquele quadro. Nenhum deles tencionava passá-lo para os respectivos filhos. Para eles, o quadro mais não era do que dinheiro pendurado na parede. Agora, um dos seus herdeiros infiltrara-se durante a noite e fugira com a posse mais preciosa de Wilma Jean. Ela invocou a parte da sua alma que o artista tinha capturado para amaldiçoar aqueles cujos olhares lá tivessem pousado. Quando percebeu que isso não bastava, telefonou ao seu advogado em Atlanta e alterou secretamente o testamento. Queria que cada maldito cêntimo que tinha fosse diretamente para ajudar a salvar baleias.

Ainda assim, mesmo depois disso, Wilma Jean não tinha coragem de banir a sua família. O problema era que se sentia sozinha quando não tinha ninguém por perto. Wilma Jean já não tinha amigos que a visitassem. Os seus três maridos eram apenas fantasmas que encontrava nas suas divisões preferidas da casa. De vez em quando, tentava falar com Malcolm, o amor da sua vida, mas nunca conseguia imitar bem a voz dele e as conversas pareciam sempre tristes e unilaterais. A verdade era que ele a abandonara, juntamente com todos os que ela escolhera ter na vida. Um de cada vez, tinham morrido todos. As únicas pessoas que ainda tinha eram as que o destino lhe dera. Wilma Jean adorava os filhos, claro que sim, mas perguntava-se muitas vezes que diabo tinha feito para os merecer.

TRÊS MESES ANTES de Wilma Jean fazer 85 anos, acordou a meio da noite encharcada em suor e aterrorizada. Durante décadas, a família tinha-se reunido em casa dela para o seu aniversário. E todos os anos Wilma Jean fazia um glorioso bolo de sete camadas. Era suposto ser divertido. Ninguém era obrigado a ir. Em média, oferecia bolo a duas dúzias de convidados.

Este ano, ainda nem sequer tinha enviado um único convite e as confirmações de presença já chegavam aos molhos. Tinha seis filhos, vinte e quatro netos e quarenta bisnetos. Parecia que cada um deles queria prestar a sua última homenagem. Acrescentando-se os cônjuges, isso significava cerca de cem pessoas a aparecerem-lhe à porta em maio — e cada uma delas determinada a meter-se no seu testamento.

Quando maio chegou, Wilma Jean tinha decidido cancelar o evento. Estava farta da sua família. Parecia que todos eles tinham metido os pés em sua casa nalgum momento dos últimos meses. Depois, Britney, a mulher do seu neto, apareceu-lhe à porta às nove da manhã de uma quinta-feira, a escoltar a filha adolescente pelos degraus da entrada e fazendo-a entrar. Britney parecia furiosa e agitada, mas a miúda mostrava-se perfeitamente composta. Não era fácil acompanhar a vida de quarenta bisnetos, que nunca paravam de crescer, mas Wilma Jean reconheceu imediatamente aquela rapariga. O rosto de Bella estava sempre a aparecer no jornal local. Era um rosto particularmente atraente, com um nariz empinado, pestanas longas e faces perfeitamente maquilhadas. Capitã da claque da escola e rainha do baile, Bella era a realeza de uma cidade pequena. Wilma Jean suspeitou logo de que houvesse um plano por trás da visita. A miúda estava ali pelo dinheiro dela.

— Olá, vovó! — gritou Britney da porta da sala. — Eu até entraria para a cumprimentar, mas estou cheia de pressa. Importa-se que a Bella fique aqui um bocado enquanto vou ao cabeleireiro? Foi suspensa da escola, e o pai não quer que fique sozinha em casa.

A miúda revirou os olhos.

— A bisavó ouve-te bem. Não precisas de gritar — disse ela.

Wilma Jean olhou de novo para Bella, que lhe piscou o olho. Desejava que a miúda também dissesse a Britney que odiava que lhe chamassem «vovó».

— Que dizes, minha menina? — Britney virou-se para a filha. — Cuidado com a língua. Já estás metida em problemas que cheguem.

Wilma Jean fixou o olhar em Bella. *Que fizeste, princesa?* Não lhe apetecia companhia, mas agora estava desejosa de saber.

— Tudo bem — disse. — A Bella pode ficar.

Britney juntou as mãos e agradeceu ao Senhor. Wilma Jean não a julgava. Aqueles cabelos brancos precisavam de um jeitinho.

— Agradeço, vovó. A propósito, o seu aniversário está aí ao virar da esquina. Vai fazer o seu famoso bolo outra vez este ano? — O sorriso na cara dela congelou enquanto esperava pela resposta. — Vovó?

A mente de Wilma Jean já estava ocupada com pensamentos muito mais interessantes. Bella não lhe parecia uma drogada ou uma arruaceira. Nunca devia ter dado um murro em ninguém na sua vida. Talvez um furto sem importância, julgou Wilma Jean. Processara algumas rainhas de beleza com tendência para isso, no passado.

— Vovó?

— Que foi? — perguntou Wilma Jean, rispidamente.

— Só ia dizer que, se não quiser fazer o seu bolo de aniversário este ano, pode dar-me a receita e eu faço-o com todo o gosto.

Wilma Jean tinha roubado a receita do verso de uma caixa de preparado para bolos da *Betty Crocker* em 1972, mas toda a gente estava convencida de que ela era um génio na cozinha.

— Não — respondeu. — Vou fazer o raio do bolo, como sempre.

Britney tinha demasiada pressa para ficar a discutir.

— Tudo bem, então! Bem, tomem conta uma da outra hoje. Bella, estou a avisar-te. Vê se te portas bem.

A porta bateu com força e Wilma Jean e a bisneta ficaram subitamente a sós. A maior parte dos bisnetos mostrava-se

tímida na presença de Wilma Jean. Tinham lido os contos de fadas sobre velhinhas que envenenavam crianças e lhes roíam os ossos. Wilma Jean perguntou-se se essas histórias teriam sido inventadas por velhotas que já tinham criado os filhos e só queriam viver o resto da vida em paz. Mas esta miúda não se mostrava intimidada.

— Então eu tinha razão. Ouves bem — disse ela, aproximando-se. Segurava um livro grosso contra o peito.

— E como sabias tu isso? — perguntou Wilma Jean.

A rapariga encolheu os ombros.

— Era um palpíte. Também gostava de poder ignorar a nossa família.

— Eu *finjo* que sou surda, Bella. Continuo a ter de os ouvir.

— Pelo menos não esperam uma resposta. — A rapariga instalou-se numa poltrona confortável em frente ao sofá. — Já agora, estou a pensar em mudar o meu nome para Lilith.

Wilma Jean ergueu uma sobrancelha.

— Ai é?

— Tudo bem se quiseres continuar a chamar-me Bella. O padre disse à minha mãe que Lilith é um demónio e que eu talvez fosse satanista. Ela está convencida de que tatuei 666 algures no corpo.

— Que absurdo — atirou Wilma Jean — Talvez a tua mãe devesse informar-se melhor, em vez de engolir tudo o que ouve.

— Eu sugeri que lesse o meu livro — respondeu a rapariga. — Há uma secção inteira sobre Lilith, mas a minha mãe disse-me que não tinha tempo.

A miúda ergueu o livro que trazia, e Wilma Jean reconheceu-o logo: *O Guia de Etiqueta para as Senhoritas do Sul*. A capa mostrava três raparigas loiras em vestidos brancos e elegantes a tomar chá. Nos anos 50, todas as meninas ricas tinham um exemplar. Na altura, a família de Wilma Jean era demasiado pobre para querer saber de livros, chá ou etiqueta. Folheara o livro uma ou duas vezes e não se lembrava de nenhuma secção sobre Lilith.

Perguntou-se que raio teria aquele livro a dizer sobre um ícone feminista com dois mil anos que havia sido excluído da Bíblia.

— A tua mãe tem tempo para procurar uma marca de Satanás em ti, mas não se pode dar ao trabalho de ler o raio de um livro. — Wilma Jean suspirou. — Faz sentido. Bem, agora estás na minha casa. E aqui toda a gente pode ser quem quiser. Que achas? Chamo-te Lilith já hoje se prometeres que não me chamas vovó.

Bella pareceu entusiasmada com a vitória.

— Canja. O que queres que te chame?

Nunca lhe tinham perguntado aquilo. Nunca, em toda a sua vida, Wilma Jean Cummings tivera a opção de escolher como queria que lhe chamassem.

Pensou durante um segundo.

— Que tal Wilma? — Nunca gostara muito de Jean.

Bella estendeu a mão para apertar a da bisavó.

— Combinado — disse.

— Estava a pensar em fazer café. Queres? — Wilma não convidava ninguém para tomar café há vinte anos.

— Claro! — disse Bella, e Wilma levou-a para a cozinha, onde a rapariga se instalou, no canto da mesa do pequeno-almoço. Assim que Wilma começou a preparar o café, Bella voltou a mergulhar em *O Guia de Etiqueta para as Senhoritas do Sul*, como se fosse o melhor livro alguma vez escrito.

— Caso estejas a perguntar-te, há uma vantagem em passar tempo com uma velhota — disse Wilma, tentando espreitar para o livro enquanto punha um prato em frente à bisneta, mas Bella fechou-o. — Compramos afeto com tarte.

— Então vai custar-te muito livrares-te de mim. — A rapariga comeu uma garfada e fechou os olhos enquanto saboreava a tarte de ruibarbo com morango. — Está ótima. Ainda bem que a minha mãe não vai fazer o bolo para o teu aniversário. Espero ansiosamente pelo teu bolo todos os anos.

Wilma trouxe o café e sentou-se.

— Este ano, pensei em fazer algo diferente — confessou.
— As pessoas parecem achar que estou senil. Preciso de provar que o meu cérebro ainda funciona.

O sorriso de Bella desapareceu. Pousou o garfo e passou o guardanapo pelo canto da boca, como uma senhorita do Sul perfeitamente treinada.

— Boa ideia. Eu ia contar-te antes de me ir embora. A minha mãe disse que estão a planear pôr-te num lar. Os teus filhos querem convencer o tribunal de que não consegues tomar conta de ti mesma.

— Não me digas. — Wilma não ficou nem um pouco surpreendida. Já o adivinhava há muito. E, agora que estava naquele ponto, queria esmagar a ideia com o cano de uma espingarda. — Então, acho que só tenho de mostrar a esses traidores o que consigo fazer.

Bella claramente apoiava o plano.

— Sei que não precisas da minha ajuda, mas podes contar comigo.

— Obrigada, Lilith. Vou ter isso em mente. — Wilma bebeu o café e estudou a criatura do outro lado da mesa. Quando achava que tinha visto tudo, a vida continuava a surpreendê-la. Sabia que havia alguns genes bons no ADN dos Cummings, mas, até àquele momento, não sabia para onde tinham ido. — Agora, Lilith, não quero ser intrometida, mas...

— Queres saber porque é que fui suspensa.

— Tenho de admitir que estou muito curiosa.

Bella inclinou-se como se estivesse a partilhar um segredo escandaloso.

— Fui de *top* para a escola, na segunda-feira.

Wilma piscou os olhos.

— Só isso? É por isso que estás em casa? As tuas partes íntimas também estavam expostas ou assim?

— Não. As minhas partes íntimas estavam totalmente cobertas. Mas as regras da escola dizem que as raparigas não

podem mostrar os ombros, por isso mandaram-me para casa. Voltei na terça-feira, com um *top* de alças, e mandaram-me de novo para casa. E ontem apareci de *leggings*, que são estritamente proibidas. A escola tem uma política de três avisos, por isso fui suspensa.

— E era isso que querias?

— Achei que era o mínimo que podia fazer para mostrar o meu apoio. Uma rapariga do décimo ano foi mandada para casa na semana passada por usar um *top* sem mangas. Havia um rapaz na turma dela a usar o mesmo tipo de *top*, mas pôde ficar. As raparigas ficaram confusas, por isso fui pesquisar as regras da escola e descobri que só se aplica a nós.

Acontecia o mesmo quando Wilma andava na secundária local, sete décadas antes. Sentiu vergonha ao lembrar-se do dia em que foi mandada para casa por vestir uma camisola que usara aos 12 anos sem ter surtido qualquer tipo de comentários e que fora considerada pornográfica por um professor quando a voltou a usar, pouco depois de ter feito 13 anos. Wilma lembrou-se da mãe, a tentar arranjar dinheiro freneticamente para comprar roupa que disfarçasse o peito de Wilma, que estava a crescer. Setenta malditos anos mais tarde, absolutamente nada mudara.

— Então decidiste protestar contra as regras de vestuário da escola?

— Não logo — respondeu Bella. — Primeiro, fui ter com o diretor para lhe dizer que aquelas regras eram antiquadas e injustas. Ele disse que eram necessárias porque, se as raparigas pudessem usar o que quisessem, os rapazes não iriam conseguir concentrar-se. Eu perguntei-lhe porque é que não deixavam as raparigas vestir-se confortavelmente e não mandavam os rapazes para casa até conseguirem controlar-se.

— É um excelente argumento. — A rapariga devia seguir Direito, pensou Wilma. — Que respondeu o diretor?

— Disse que era mais fácil as raparigas vestirem-se com modéstia do que os rapazes controlarem-se. E então eu disse-lhe que não estava interessada em seguir regras que dificultassem a vida das raparigas para facilitarem a dos rapazes. Até que essas regras mudem, terão de se aguentar sem a capitã da claque.

— O que ganhas com isso? — perguntou Wilma.

— Justiça — disse Bella, como se fosse a única razão que importasse.

Caramba. Wilma conhecia aquela sensação. Aquele desejo ardente de equilibrar as balanças levava-a a tirar o curso de Direito tantos anos antes. A necessidade de lutar contra a injustiça, corrigir os erros, vencer e impedir os fortes de lixarem os fracos.

— Na nossa família, a maior parte das raparigas andou naquela escola. És a primeira a levantar-se e a desafiar aquelas regras estúpidas. Estou impressionada.

— Tirei a ideia deste livro. — Mais uma vez, Bella ergueu *O Guia de Etiqueta para as Senhoritas do Sul*.

— Posso ver?

Bella passou-lhe o livro e Wilma abriu-o numa página aleatória, deparando com uma ilustração a cores de genitais femininos. Convencida de que não estava a ver bem, semicerrou os olhos e aproximou o livro da cara. Tinha 84 anos. Tinha tido três maridos e seis filhos. E até àquele momento julgara que a abertura da uretra ficava noutra sítio. De repente, invejou as raparigas ricas que tinham tido exemplares de *O Guia de Etiqueta para as Senhoritas do Sul*. Que mais saberiam elas que ela não sabia? Então, uma luz acendeu-se na sua cabeça. Fechou o livro e abriu-o de novo na folha de rosto. Alguém pusera a sobrecapa de *O Guia de Etiqueta para as Senhoritas do Sul* no livro *O Guia de Uma Rapariga para a Revolução*.

— Onde disseste que encontraste este livro? — perguntou à bisneta.

— Na pequena biblioteca da Lula Dean — disse Bella, sem referir uma única palavra sobre Lindsay.

Wilma não imaginaria uma coisa daquelas vinda de Lula.

— Vamos — ordenou à bisneta. — Tu e eu vamos dar uma volta.

— Onde vamos? Não estás chateada por causa da biblioteca, pois não?

— Claro que não, rapariga. Vamos à tua escola — disse Wilma. — Já ouviste falar do Title IX?

Bella assentiu.

— Há um capítulo sobre isso no meu livro, mas ainda não cheguei lá.

— O Title IX é uma lei federal que proíbe a discriminação com base no sexo nas escolas. Isso significa que a tua escola não pode ter um conjunto de regras para raparigas e outro para rapazes. As regras de vestuário tal como estão escritas são ilegais.

— Ah, pois! — exclamou Bella. — A minha mãe disse que foste advogada.

— Ainda sou o raio de uma advogada — retorquiou Wilma.

HÁ SÉCULOS que Wilma não dava uma volta pela cidade. Não era que estivesse fraca, como a sua família supunha. Simplesmente perdera o interesse pela vida. Talvez tivesse sido isso que os filhos tinham captado. O seu corpo funcionava perfeitamente, mas o coração não estava lá. A mulher que partira o dedo do pé do governador tinha desaparecido. Era por isso que eles a tratavam como se já estivesse meio morta. Para todos os efeitos, estava.

No caminho para a escola, Wilma e Bella pararam à frente da casa de Lula Dean. Acima da cerca branca, erguia-se um poste. Fixado ao topo, estava um armário de madeira em forma de casinha, com paredes cor de lavanda e decorado com flores pintadas à mão. A porta era uma janela de vidro através da qual se viam três prateleiras de livros.

— Tens a certeza de que foi daqui que tiraste o livro?

— Sim — confirmou Bella.

Os livros que ainda lá estavam pareciam ridículos. Wilma reparou no *Canja de Galinha para a Alma*⁴ e no *Buffy Halliday Vai à Europa!*.

— Olha, está aqui um para ti! — Bella abriu a biblioteca, tirou o exemplar de *101 Bolos para a Família* e entregou-o à bisavó.

— Não disseste que querias experimentar algo novo para a festa?

Wilma abriu-o e deu um passo atrás antes de se recompor. Bella soltou um guinchinho.

— Sim — disse Wilma, fechando o livro com força. — Tens razão, querida. Este serve perfeitamente.

MAIS TARDE EM MAIO, toda a família Cummings se reuniu no jardim das traseiras da casa de Wilma. Mais uma vez, Wilma tinha feito um bolo de aniversário enorme. Ao contrário dos anos anteriores, este bolo estava escondido atrás de uma tela dobrável até que chegassem todos os convidados.

O bolo escondido era a causa para tanta especulação — a maioria da qual Wilma, ainda presumidamente surda, pôde apreciar. A tela escondia um desastre, concluíam os convidados. Ela não teria simplesmente conseguido fazer o bolo este ano. Esta seria certamente a última celebração do género, diziam. A velhota não tinha forças para mais.

Quando chegou a hora, foi Bella (que decidira manter o nome que lhe fora dado) quem pediu a atenção de todos.

— A Wilma quer que vos agradeça por terem vindo! Fez o bolo de aniversário do zero e quer dedicá-lo a todos vós. Mas, antes de começarmos, preciso que todos os bisnetos venham comigo para dentro para uma surpresa especial!

⁴ Referência a *Chicken Soup for the Soul*, de Jack Canfield e Mark Victor Hansen. [N. T.]

Assim que os miúdos estavam seguros dentro de casa, Wilma avançou e retirou a tela. Atrás desta, estava um pénis de metro e meio de altura, erguido sobre uma base de dois testículos peludos.

— Devíamos filmar isto para o tribunal — murmurou Dean.

— A coitada perdeu a cabeça — sussurrou uma das filhas.

— Perdi a cabeça, foi? — retorquiu Wilma, provando que ouvia perfeitamente. — Acho que descreve bem o que sinto. Vocês têm sido uns imbecis ultimamente. Já agora, quero que conheçam a minha representante, Dorinda James, do escritório de advogados James, Jackson and Monroe, de Atlanta.

A doutora James aproximou-se. Era uma amazona de quase um metro e noventa, formada em Yale e vencedora do concurso Ms. Olympia.

— Doutora James, alguns membros da minha família têm questionado a minha capacidade mental, por isso achei que este bolo poderia resolver o assunto. É um *red velvet* com cobertura de creme de manteiga bege. Usei espigões para garantir que a estrutura permanecesse firme. Os testículos são de chocolate feito numa forma hemisférica e cobertos com pasta americana e coco ralado. Não são só lindos. Também são funcionais.

Wilma pressionou um botão, fazendo sair chantili do topo do bolo, que caiu como neve sobre os convidados. Alguns membros da família estavam paralisados de horror, incapazes de desviar os olhos da erupção. Alguns correram para dentro de casa, para evitar nódoas na roupa. Aqueles de quem ela sempre gostara mais continuaram onde estavam e puseram as línguas de fora.

— Já viram o suficiente ou devo continuar a mostrar-vos o que mais consigo fazer? — Wilma levantou a tolha da mesa para mostrar o motor que estava por baixo.

Esforçando-se para continuar séria, a doutora James disse aos convidados:

— Acho que já vimos o suficiente, senhora Cummings.

— Então, deixe-me esclarecer uma coisa à minha família, de uma vez por todas. Não estou morta, não estou demente e quero a porcaria do meu retrato de volta.

UM ROMANCE PROVOCADOR E SAGAZ SOBRE O IMPACTO DO PRECONCEITO E A FORÇA DA ARTE E DA LIBERDADE.

Beverly Underwood e Lula Dean vivem na cidade de Troy, no estado da Geórgia. Beverly, progressista e moderna, pertence à assembleia local responsável pelo sistema educativo público. Lula, conservadora e defensora dos bons costumes, tornou-se uma celebridade depois de embarcar numa missão: livrar as bibliotecas públicas de tudo o que são livros impróprios — nenhum dos quais ela sequer leu.

Contra esses livros «pornográficos», Lula criou a sua própria biblioteca, um pequeno armário com portas de vidro e três prateleiras com a literatura de que, a seu ver, a cidade necessita. O que Lula não sabe é que debaixo das sobrecapas dos livros, a filha de Beverly colocou as obras que ela banira (clássicos, romances gay, História negra...), mudando a vida de quem os lê de formas inesperadas.

Com Beverly de um lado e Lula do outro, e à medida que estes leitores começam a revelar as suas novas identidades, a outrora pacata cidade de Troy vê-se no centro de um confronto que a mudará para sempre...

«Kirsten Miller possui a rara capacidade de pegar num assunto sério e torná-lo em algo muito divertido. Adorei este romance e sei que irão adorá-lo também.»

James Patterson



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-932-2



9 789895 839322